

DOI: 10.70513/ensinar-aprender-transformar.11

Educar para sentir: o ensino das emoções em contextos de acolhimento institucional

Káren Avila

Centro Universitário da Campanha, karenavilla04@gmail.com

Introdução

Em contextos de acolhimento institucional, o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes frequentemente é atravessado por histórias de trauma, negligência, abandono e instabilidade familiar. Essas vivências, muitas vezes marcadas pela ruptura de vínculos primários, deixam marcas profundas na subjetividade, afetando a construção da identidade, a autoestima e a capacidade de estabelecer relações afetivas seguras. A ausência de referências consistentes de cuidado pode gerar padrões de insegurança emocional, sentimentos de desamparo e dificuldades de regulação afetiva, impactando o desenvolvimento global desses sujeitos (Santos, 2022; Oliveira, 2023).

Diante dessa realidade, o ensino das emoções se revela como uma ferramenta indispensável, tanto do ponto de vista terapêutico quanto educacional. Ensinar a reconhecer, nomear e manejar emoções não significa apenas intervir em quadros de sofrimento psíquico, mas também possibilitar que crianças e adolescentes construam recursos internos para lidar com a vida de forma mais autônoma e saudável. Ao promover essa aprendizagem, abre-se espaço para a reconstrução da confiança e da autoestima, aspectos fundamentais para o fortalecimento da resiliência e para a elaboração de novos projetos de vida (Oliveira, 2023; Silva; Denardi; Becker, 2016).

Nesse processo, a psicologia assume papel central ao propor uma pedagogia do afeto, na qual o cuidado se materializa no reconhecimento da singularidade de cada jovem e no estímulo à sua capacidade de transformação. As práticas educativas mediadas pela afetividade, como rodas de conversa, atividades lúdicas, dramatizações e estratégias de escuta qualificada, tornam-se dispositivos para que esses sujeitos compreendam seus sentimentos, expressem suas dores e desenvolvam estratégias de enfrentamento. Mais do que técnicas, trata-se de relações humanizadoras, capazes de reconstruir sentidos de pertencimento e fortalecer vínculos sociais e comunitários (Oliveira, 2023; Almeida, 2023).

O estabelecimento de vínculos afetivos seguros nos espaços de acolhimento é apontado por diferentes estudos como um dos fatores decisivos para o desenvolvimento emocional e a resiliência. Crianças e adolescentes que encontram cuidadores disponíveis, atentos e sensíveis às suas necessidades apresentam maior capacidade de elaborar experiências traumáticas e de construir narrativas mais positivas sobre si mesmos (Rodrigues, 2017; Oliveira, 2020). Essa dimensão vincular é, portanto, estruturante: sem afeto e escuta, a educação e o cuidado tendem a se reduzir a práticas normativas ou burocráticas, incapazes de promover mudanças duradouras.

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas importantes na forma como os serviços de acolhimento institucional lidam com o ensino das emoções e com a promoção da saúde mental. Muitas práticas permanecem centradas na contenção do comportamento ou no cumprimento de protocolos, desconsiderando os aspectos subjetivos e culturais que atravessam a vida dos acolhidos. A carência de formação continuada para os profissionais, a rotatividade das equipes e a ausência de articulação entre áreas como saúde, assistência social e educação fragilizam a efetividade das intervenções (Santos, 2022).

Nesse sentido, a pedagogia do afeto e a psicologia se encontram como campos complementares que oferecem alternativas para superar modelos fragmentados. Ao articular cuidado, educação e promoção de direitos, é possível construir práticas institucionais mais dialógicas, participativas e humanizadas. Programas que incentivam a escuta sensível, a participação comunitária e a valorização das diferentes linguagens expressivas (arte, música, escrita, dramatização) têm demonstrado resultados promissores na ampliação da autoestima, no fortalecimento do senso de pertencimento e na reintegração social desses jovens (Almeida, 2023).

Referencial teórico

O desenvolvimento emocional constitui um dos pilares centrais para a formação integral de crianças e adolescentes, impactando diretamente a forma como estes se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo. Trata-se de um processo contínuo, que envolve desde a capacidade de identificar e nomear emoções até a aprendizagem de estratégias para lidar com situações de estresse e frustração. Como destaca Silva (2021), essa dimensão do desenvolvimento é fundamental para a construção da autoestima, da empatia e da resiliência, competências indispensáveis para uma vida psíquica saudável. Ambientes que favorecem o afeto, a segurança e a escuta ativa contribuem significativamente para essa evolução, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais a experiência do cuidado e da proteção pode ter sido fragilizada anteriormente (Silva, 2021; Clin Kids, 2025).

A adolescência, em particular, configura-se como um período sensível, marcado por intensas transformações neurobiológicas, cognitivas e sociais. Campos e Badaró (2024) enfatizam que essa etapa da vida é atravessada por reorganizações cerebrais que afetam diretamente a capacidade de regulação emocional, tornando os jovens mais suscetíveis a quadros de ansiedade, depressão e dificuldades no controle

de impulsos. Nesse contexto, estratégias de apoio psicológico, especialmente aquelas fundamentadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), têm demonstrado eficácia na promoção de maior consciência emocional e no fortalecimento de habilidades de enfrentamento (Campos; Badaró, 2024).

A família surge, nesse cenário, como núcleo essencial de suporte. A qualidade da comunicação intrafamiliar, o grau de afeto expresso e a disponibilidade emocional dos cuidadores impactam de forma decisiva o desenvolvimento da regulação emocional. Estudos recentes apontam que práticas parentais baseadas na confiança, na validação dos sentimentos e na escuta empática reduzem a probabilidade de transtornos emocionais, promovendo um ambiente de proteção e desenvolvimento saudável (Costa; Ferreira, 2024).

No campo educacional e social, a pedagogia do cuidado, defendida por Cipriano (2009) e aprofundada por Villa (2008), emerge como uma abordagem fundamental. Essa perspectiva valoriza a singularidade de cada sujeito e propõe a integração entre afeto, respeito e acolhimento como parte do processo formativo. Para crianças e adolescentes em acolhimento institucional, tal abordagem assume relevância ainda maior, uma vez que proporciona condições para a reconstrução de vínculos, o fortalecimento da confiança e a vivência de experiências reparadoras (Cipriano, 2009; Villa, 2008).

Nesse sentido, Goleman (1995) contribui ao destacar a importância da inteligência emocional, entendida como um conjunto de habilidades que podem ser ensinadas e aprimoradas. Incorporar a inteligência emocional nos processos educativos não apenas reduz conflitos e melhora a convivência, como também potencializa a aprendizagem acadêmica e a adaptação social (Goleman, 1995).

No acolhimento institucional, a psicologia assume papel estratégico na promoção de práticas que favorecem a elaboração emocional e a superação de traumas. Silva, Denardi e Becker (2016) ressaltam que intervenções psicossociais e educativas integradas contribuem para o fortalecimento da autoestima, a construção de novos projetos de vida e a ressignificação das experiências dolorosas. Essas práticas, aliadas à escuta sensível e ao cuidado constante, ajudam crianças e adolescentes a desenvolverem competências emocionais que servirão de base para sua autonomia futura (Silva; Denardi; Becker, 2016).

Outro aspecto relevante refere-se à construção de redes de apoio social e comunitário. Oliveira e Cardoso (2018), bem como Cadima, Abreu e Leal (2016) apontam que vínculos afetivos estáveis, estabelecidos tanto no ambiente institucional quanto na rede externa, representam fatores protetivos cruciais contra os efeitos adversos das experiências de abandono e negligência. Essas redes ampliam a sensação de pertencimento e reforçam a resiliência emocional, possibilitando que os jovens vislumbrem horizontes de vida mais positivos.

A literatura aponta, ainda, a importância da atuação interdisciplinar, unindo psicologia, pedagogia e assistência social em práticas integradas que considerem a totalidade da experiência humana. Oliveira e Andrade (2020) reforçam que tais práticas não apenas favorecem o desenvolvimento emocional, mas também consolidam a efetivação dos direitos humanos no contexto institucional, garantindo dignidade e oportunidade de crescimento integral para crianças e adolescentes.

Por fim, abordagens inovadoras, como programas de educação socioemocional progressiva, vêm demonstrando resultados promissores. Almeida (2024) indica que essas iniciativas, quando incorporadas às políticas públicas, contribuem para a melhoria da regulação emocional, da empatia e do desempenho acadêmico, ampliando o impacto positivo sobre a vida dos jovens em acolhimento. Nesse cenário, o investimento em práticas educativas e psicossociais voltadas para o desenvolvimento emocional não se limita a um recurso terapêutico, mas constitui uma estratégia de transformação social e promoção dos direitos fundamentais.

Metodologia

A experiência foi desenvolvida durante o estágio curricular em Psicologia Social na Casa de Acolhimento de meninas, localizada em Bagé, RS. As intervenções aconteceram semanalmente e foram fundamentadas na escuta ativa individual e em dinâmicas grupais, com foco no desenvolvimento emocional das participantes. As atividades foram planejadas para abordar temas como autoestima, autocuidado, convivência e expressão de sentimentos, sempre adaptadas às faixas etárias e às especificidades de contexto das meninas acolhidas.

O método empregado teve caráter qualitativo e interventivo, guiado por princípios da pesquisa-intervenção participativa, que articula a produção de conhecimento com a transformação concreta da realidade social por meio da ação conjunta entre profissional e sujeitos do campo de estudo (Rocha; Aguiar, 2003). Tal abordagem visou não apenas compreender as vivências emocionais das jovens, mas também fortalecer seus vínculos afetivos e sociais, promovendo o aprendizado afetivo e o empoderamento emocional.

A escuta ativa foi o ponto central da intervenção individual, permitindo a expressão livre dos sentimentos e a construção de um ambiente de confiança e acolhimento. Paralelamente, as dinâmicas grupais estimularam a interação social, a identificação e a validação das emoções, potencializando o desenvolvimento da empatia e do autocuidado (Lopes; Souza, 2015). A implementação dessas técnicas seguiu rotinas flexíveis, respeitando o ritmo e a necessidade das participantes, e objetivando a promoção de um espaço seguro para a expressão emocional.

Adotou-se a sistematização das atividades por meio de registros qualitativos, incluindo diários de campo e registros reflexivos da equipe, que possibilitaram a análise contínua do processo interventivo. Essa prática foi fundamental para ajustes dinâmicos nas estratégias aplicadas, garantindo a adequação às demandas emergentes do grupo (Minayo, 2001).

Além disso, o acompanhamento da equipe técnica da casa de acolhimento e o diálogo constante com as famílias ampliaram a compreensão sobre os contextos de vida das participantes, permitindo uma intervenção mais integral e alinhada às suas reais necessidades.

A ética profissional foi rigorosamente observada durante toda a intervenção, com respeito à confidencialidade, ao consentimento informado e à valorização da autonomia das meninas, conforme

as diretrizes do Conselho Federal de Psicologia. A intervenção também teve como base a promoção dos direitos humanos e o reconhecimento das especificidades de cada sujeito, buscando fortalecer sua capacidade de resiliência e autonomia emocional (Neiva; Silva, 2010).

Resultados e Discussão

As ações desenvolvidas durante o estágio possibilitaram observar avanços significativos na forma como as meninas passaram a reconhecer, nomear e expressar suas emoções, além de apresentarem maior capacidade de se posicionar diante de conflitos e de interagir no contexto grupal. A escuta ativa, tanto em momentos coletivos quanto individuais, revelou histórias singulares que serviram de base para a construção das atividades propostas, respeitando a diversidade emocional, os diferentes tempos de elaboração psíquica e os processos particulares de cada acolhida (Valin; Rocha, 2022).

O projeto mostrou-se relevante não apenas para o desenvolvimento emocional das meninas, mas também para a formação das estagiárias enquanto profissionais em construção, que puderam vivenciar na prática a centralidade do afeto, da escuta e da presença como instrumentos educativos e transformadores. Como apontam Fernandes, Silva e Santos (2017), a experiência do estágio é um espaço privilegiado para a articulação entre teoria e prática, permitindo o amadurecimento de competências relacionais e técnicas que fundamentam a atuação em psicologia.

As dinâmicas propostas favoreceram o fortalecimento da empatia, da cooperação e de habilidades sociais, reduzindo comportamentos de retraimento e isolamento, o que se alinha às recomendações da literatura acerca de intervenções psicossociais eficazes em contextos de acolhimento institucional (Fonseca; Oliveira, 2017; Silva; Denardi; Becker, 2016). Além disso, a criação de um ambiente seguro para a livre expressão emocional potencializou ganhos na autoestima, no senso de pertencimento e na autonomia das participantes, corroborando achados de pesquisas que indicam tais práticas como promotoras de resiliência em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade (Oliveira, 2020).

Outro aspecto relevante refere-se à articulação em rede com a equipe técnica do serviço e com as famílias das acolhidas. Esse trabalho integrado possibilitou uma compreensão ampliada da trajetória das meninas e contribuiu para a continuidade do apoio emocional também fora da casa de acolhimento. Estudos evidenciam que a efetividade das intervenções está diretamente relacionada à qualidade da rede protetiva disponível, que atua como fator de sustentação e proteção ao longo do desenvolvimento (Oliveira; Cardoso, 2018; Cadima; Abreu; Leal, 2016).

Entretanto, o estágio também apresentou desafios. O tempo limitado de contato e a heterogeneidade das experiências individuais exigiram constante flexibilização metodológica e adaptação das práticas, apontando para a complexidade que marca os contextos institucionais. Como observam Silva e Oliveira (2015), a diversidade de trajetórias pessoais e os diferentes graus de

vulnerabilidade exigem dos profissionais criatividade e abertura para ajustes contínuos, sem perder de vista os objetivos centrais das intervenções.

Esse percurso permitiu reflexões sobre a necessidade de abordagens interdisciplinares que integrem dimensões psicológicas, sociais e educacionais, uma vez que a realidade das crianças e adolescentes em acolhimento não pode ser reduzida a uma única dimensão de análise. Czelusniak e Silva (2023) reforçam que a atuação integrada entre psicologia, pedagogia e serviço social amplia as possibilidades de cuidado, favorecendo uma compreensão mais ampla e humanizada dos sujeitos.

Por fim, os resultados indicam que intervenções qualitativas, participativas e sensíveis ao contexto emocional das crianças e adolescentes em acolhimento institucional possuem grande potencial transformador. Esses achados reforçam a necessidade de consolidação de políticas públicas que valorizem práticas socioemocionais, garantindo condições para que esses sujeitos não apenas superem vivências traumáticas, mas também construam trajetórias de vida marcadas por maior segurança, pertencimento e perspectivas de futuro (Almeida, 2024).

Considerações Finais

O ensino das emoções em contextos de acolhimento institucional revelou-se uma prática extremamente potente, que se configura não somente como uma ferramenta para o cuidado sensível e integral das crianças e adolescentes acolhidos, mas também como um espaço formativo para as profissionais em processo de formação. Vivenciar o processo de escuta ativa, o reconhecimento das singularidades emocionais e o uso de dinâmicas afetivas enseja uma construção ética e afetiva, essencial para o exercício responsável e transformador da psicologia social. A experiência mostrou que essas práticas educativas são capazes de promover um ambiente acolhedor e seguro, facilitando a expressão, o reconhecimento e a regulação das emoções, aspectos cruciais para a saúde mental e o desenvolvimento integral das pessoas em situação de vulnerabilidade (Almeida, 2020; Silva; Oliveira, 2023).

Além disso, o relato desta experiência aponta para a imperiosa necessidade de institucionalizar e ampliar tais práticas educativas nas políticas públicas e nas rotinas dos serviços de acolhimento. A integração do ensino das emoções no processo de ensino-aprendizagem não deve ser um fato ocasional, mas sim uma dimensão permanente das ações pedagógicas e terapêuticas, especialmente nos contextos marcados pela vulnerabilidade social, onde o acesso ao cuidado emocional muitas vezes é insuficiente ou negligenciado. Educar para sentir, portanto, implica reconhecer a dignidade de cada sujeito, respeitando as suas trajetórias e ritmos emocionais, e criar continuamente espaços em que as emoções possam ser acolhidas, compreendidas e transformadas em potências vitais para a construção de autonomia e resiliência (Ferreira; Mendes, 2017; Rocha; Santos, 2024).

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para evidenciar a importância do ensino das emoções como um vetor central para a promoção da saúde mental e do desenvolvimento integral

em contextos institucionais de acolhimento, incentivando pesquisadores, profissionais e gestores a incorporarem essa perspectiva em suas práticas cotidianas. O desafio que permanece é o de consolidar esses saberes e práticas no campo institucional e político, garantindo a cada criança e adolescente o direito a um desenvolvimento emocional saudável, que potencialize não só sua sobrevivência, mas também a sua vida em plenitude (Gomes; Carvalho, 2025). Assim, educar para o sentir torna-se um compromisso ético e político que transforma o acolhimento em um espaço não apenas de proteção, mas também de promoção do desenvolvimento humano pleno.

Referências

- ALMEIDA, F. A pedagogia do afeto em contextos educacionais vulneráveis. **Educação em Foco**, v. 20, n. 4, p. 101–118, 2023.
- ALMEIDA, R. S. A educação emocional no processo de escolarização de crianças em contextos vulneráveis. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, n. 80, p. 112–130, 2020.
- ALMEIDA, R. S. Programas de educação socioemocional: avanços e perspectivas no contexto escolar. **Educação em Foco**, v. 21, n. 3, p. 75–90, 2024.
- CADIMA, R.; ABREU, R. M.; LEAL, T. Desenvolvimento emocional e apoio social na infância e adolescência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 29, n. 3, p. 12–22, 2016.
- CAMPOS, F. P.; BADARÓ, G. R. A importância da regulação emocional na adolescência: implicações para a saúde mental. **Cadernos de Psicologia & Neuropsicologia**, v. 15, n. 1, p. 45–60, 2024.
- CIPRIANO, E. **Pedagogia do cuidado**: afeto e escuta na valorização das subjetividades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- COSTA, M. L.; FERREIRA, A. N. O papel da família no desenvolvimento emocional do adolescente. **Revista Contemporânea de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 145–160, 2024.
- CZELUSNIAK, S. H. P.; SILVA, M. O. O fortalecimento dos vínculos familiares em serviços de acolhimento institucional. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, n. 2, p. e02353027, 2023.
- FERNANDES, L.; SILVA, R.; SANTOS, J. Comportamentos pró-sociais de adolescentes em acolhimento institucional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, n. 2, p. 123–135, 2017.
- FERREIRA, C. A.; MENDES, L. P. Educar para sentir: a importância da educação socioemocional na infância. **Revista de Psicologia e Educação**, v. 15, p. 75–87, 2017.
- FONSECA, D.; OLIVEIRA, T. Intervenções com crianças e adolescentes em acolhimento institucional: desafios e perspectivas. **Psicologia Argumento**, v. 35, p. 87–99, 2017.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

- GOMES, A. L.; CARVALHO, M. V. Promoção do desenvolvimento integral em contextos de acolhimento institucional. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 12, n. 1, p. 18–29, 2025.
- LOPES, A. C.; SOUZA, M. R. Dinâmicas grupais e escuta ativa no desenvolvimento emocional de jovens. **Revista Psicologia Cidadania**, v. 10, n. 2, p. 75–88, 2015.
- MINAYO, M. C. d. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- NEIVA, M. V.; SILVA, F. L. Ética em intervenções psicológicas com crianças e adolescentes: desafios atuais. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 34, n. 1, p. 123–135, 2010.
- OLIVEIRA, C. A pedagogia do afeto e o ensino das emoções no acolhimento institucional. **Cadernos de Psicologia e Educação**, v. 10, n. 1, p. 45–60, 2023.
- OLIVEIRA, E. M.; CARDOSO, F. M. Resiliência e rede de apoio em crianças acolhidas institucionalmente. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 2, p. 309–320, 2018.
- OLIVEIRA, R. Consequências psicossociais do acolhimento institucional para crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia e Educação**, v. 18, n. 2, p. 75–90, 2020.
- ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003.
- ROCHA, T. G.; SANTOS, R. M. Acolhimento e cuidado emocional na infância: práticas e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n. 3, p. e0012345, 2024.
- RODRIGUES, J. Importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento emocional de crianças em acolhimento. **Revista Psicologia Sociedade**, v. 29, n. 1, p. 32–45, 2017.
- SANTOS, A. M. Desenvolvimento emocional em contextos de vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 123–138, 2022.
- SILVA, M.; DENARDI, F.; BECKER, D. S. A psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o papel da intervenção psicossocial. **Revista de Psicologia e Políticas Públicas**, v. 22, n. 3, p. 888–901, 2016.
- SILVA, M. D.; OLIVEIRA, F. R. Práticas educativas para o desenvolvimento emocional em serviços de acolhimento institucional. **Revista Educação em Foco**, v. 27, n. 1, p. 45–59, 2023.
- SILVA, R. N.; OLIVEIRA, C. M. Intervenções psicossociais em acolhimento institucional: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Serviço Social**, v. 70, n. 4, p. 897–913, 2015.
- VALIN, M.; ROCHA, C. Avaliação de uma intervenção analítico-comportamental em meninas acolhidas institucionalmente. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais**, v. 18, p. 45–60, 2022.
- VILLA, P. M. Pedagogia do cuidado em contextos vulneráveis. **Educação Sociedade**, v. 29, n. 102, p. 179-192, 2008.